

A investigação científica na formação de professores e a construção de competências para a pesquisa. Percepções dos licenciados em ensino de pedagogia do ISCED de Luanda

Resumo

A investigação científica enquanto processo sistemático, organizado e objectivo de procura do conhecimento é um imperativo para todos aqueles que frequentam o ensino superior. Esta abordagem está mesmo presente em todos os planos curriculares e pretende-se que seja operacionalizado em todos as instituições de ensino superior. Actualmente o mercado de trabalho é mais exigente e competitivo, porque não basta adquirir só conhecimentos teóricos, mas também o saber prático que prima pela produção e construção de novas ideias e conhecimentos (Campos, *et al.*, 2009). Esta reflexão tem como objectivo compreender a relevância da investigação científica para a construção de competências na formação dos estudantes, em particular, do curso de pedagogia do ISCED de Luanda. Para o desenvolvimento do estudo recorreu-se a uma pesquisa de carácter exploratório e descritivo, através de entrevistas semi-estruturadas aos estudantes da referida instituição de ensino, sendo posteriormente a informação tratada através da técnica de análise de conteúdo. Entre os resultados, ainda preliminares, salientamos as dificuldades e a satisfação pela elaboração do trabalho de conclusão do curso, o reforço e solidez que se deve imprimir às disciplinas - sobretudo, de metodologia de investigação e de seminário - por forma a que adquiram mais competência para a pesquisa e elaborem sem grandes dificuldades e sobressaltos as suas monografias e, assim, concluem com sucesso a sua formação superior.

Palavras-chave: investigação científica; formação de professores; ensino superior; construção de competência.

Scientific research in teacher training and the construction of research skills. Perceptions of graduates in pedagogy teaching at ISCED in Luanda

summary

Scientific research as a systematic, organized and objective process of seeking knowledge is a must for all those who attend higher education. This approach is even present in all curricular plans and is intended to be operationalized in all higher

education institutions. Today, the labor market is more demanding and competitive, because it is not enough to acquire only theoretical knowledge, but also the practical knowledge that is gained by the production and construction of new ideas and knowledge (Campos, et al., 2009). This reflection aims to understand the relevance of scientific research for the construction of skills in the training of students, in particular, the ISCED pedagogy course in Luanda. For the development of the study we used an exploratory and descriptive research, through semi-structured interviews to the students of the referred institution, being later the information treated through the technique of content analysis. Among the preliminary results, we highlight the difficulties and satisfaction with the preparation of the work to complete the course, the reinforcement and solidity that should be given to the disciplines - above all, research methodology and seminar - in order to acquire more competence to the research and to elaborate without great difficulties and surprises their monographs and, thus, to successfully complete their superior formation.

Keywords: scientific research; teacher training; higher education; competence building.

Introdução

A presente reflexão tem como objectivo compreender a relevância que os licenciados do curso de pedagogia do ISCED de Luanda atribuem à pesquisa científica para a sua formação escolar e profissional, que lhes permita ganhar mais competências para entrar no mercado de trabalho e, conseqüentemente, no complexo cenário da sociedade contemporânea de hoje (Rodrigues, 2006).

O último ano de frequência num curso superior é o momento de consolidar a aprendizagem teórica e prática demonstrando as competências que se adquiriram ao longo do percurso formativo. Neste período, os estudantes são desafiados a reflectirem sobre a elaboração do seu trabalho de fim de curso (TFC). Trata-se do primeiro passo da grande caminhada do processo de investigação que dá “pernas para andar”, na medida em que só investigando se aprende a investigar (Sabino,1992). Logo, o professor ao ensinar deve proporcionar aos estudantes um desenvolvimento de competências e experiências orientadas para a promoção da investigação científica e para a inovação pedagógica que lhes permita ter um papel activo e construtivo na aprendizagem (Magalhães, 2004; Flores, 2007).

O TFC é o último trabalho de investigação científica que os estudantes finalistas da graduação realizam numa instituição de ensino superior (IES), que, quando consolidado com sucesso lhe permite a aquisição de um conjunto de competências e capacidades

imprescindíveis ao, e para responder com eficácia às exigências profissionais na área escolhida, na medida em que pode servir como um passaporte para o futuro. Atendendo a que, actualmente o mercado de trabalho é muito competitivo, não basta adquirir só conhecimentos teóricos, é também necessário o saber prático que prima pela produção e construção de novas ideias e conhecimentos (Campos, *et al.*, 2009).

A elaboração do TFC, cujo resultado é a produção do conhecimento científico, é um trabalho académico que requer criatividade, disciplina, concentração e sistematicidade. É uma reflexão que representa o resultado de um estudo que deve expressar conhecimentos do assunto escolhido e deve advir preferencialmente das disciplinas e dos programas curriculares do referido curso. Deve ser feito sob a orientação de um orientador que domine os dispositivos didácticos que mobilizam os alunos aprender a fazer ou a compreender para ter sucesso, que no entender de Perrenoud (2000), remete ao fenómeno mais geral da motivação, da relação com o saber e do sentido da experiência e do trabalho. Neste contexto, envolver os alunos em actividades de pesquisa e em projectos de conhecimento passa por uma capacidade fundamental do professor: tornar acessível e desejável sua própria relação com o saber e com a pesquisa.

É indispensável que a produção académica se apresente de forma padronizada de acordo com a normalização existente em cada instituição de ensino. Neste contexto, o TFC deve ser elaborado a partir de pontos de sustentação e metas que a pesquisa se propõe atingir, de modo a contribuir para a construção do conhecimento, a disseminação e partilha dos resultados através da sua publicação, tendo em conta a imposição de uma formação de qualidade, de eficácia e de competitividade, para que os futuros profissionais sejam eficientes e inovadores (Oliveira, 2009). Contudo, os professores como «intelectuais transformadores» ou como «práticos reflexivos» (Reimão, 2001, p. 9), devem desempenhar papéis fundamentais na concepção dos projectos científicos, na produção e transmissão dos conhecimentos e dos saberes cada vez mais perecíveis, tendo em conta as mudanças constantes que ocorrem nas sociedades contemporâneas.

O ensino superior deve ser vista como um instrumento para o ensino de competência, que prime para o desenvolvimento de uma cultura científica, equipando os estudantes com conhecimentos e competências que os permita saber articular com a vida profissional, tendo em conta que um dos seus importantes objectivos é transmitir conhecimentos e criar capacidades intelectuais (Bruner, 1960; Oliveira, 2009). Assim, a competência associada a novas concepções do trabalho baseadas na flexibilidade e na

reconversão permanente, em que se inscrevem atributos como autonomia, responsabilidade, capacidade de comunicação e polivalência, só têm lugar com o necessário aprofundamento dos conhecimentos.

Nesta medida, a elaboração de uma pesquisa científica é de extrema importância na formação profissional de qualquer estudante, e é um critério de qualidade na formação do diplomado na área das ciências da educação e não só, permitindo que sejam criativos, autónomos e protagonistas da construção dos seus conhecimentos, onde os docentes têm um importante papel de mediador e facilitador. Ela tem como objectivo contribuir para a evolução do saber em todos os sectores, sendo sistematicamente planeada e executada através de rigorosos critérios de processamento de informação (Rodrigues, 2006; Campos, *et.al.*, 2009).

No ensino superior o estudante tem de ser criativo, ao desenvolver os conteúdos teóricos e práticos necessários à sua formação profissional e intelectual (Rodrigues, 2006), cabendo-lhe não só reter esses critérios, mas também produzir conhecimentos através da investigação científica. Neste âmbito, o TFC é, sem dúvida, um destes momentos de produção de novos conhecimentos de relevância académica, importantes para a sociedade e para o crescimento profissional e pessoal do indivíduo.

Metodologia

A metodologia tem como função orientar o investigador na pesquisa, ajuda a reflectir e ter um olhar curioso, criativo e inovador. Adotar uma metodologia significa escolher um caminho, um percurso, onde precisamos de regras e de muita criatividade e imaginação (Silva & Menezes, 2005).

A pesquisa significa procurar dar respostas para interrogações, é uma prática teórica de constante busca que define um processo inacabado e permanente de “aproximação da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação entre a teoria e os dados” (Minayo, 1993, p. 23).

O presente estudo, ainda em fase de desenvolvimento, assenta numa pesquisa qualitativa de carácter exploratório e descritivo, na medida em que visa proporcionar maior familiaridade com o problema e descrever as características e comportamentos dos participantes do estudo (Silva & Menezes, 2005).

A pesquisa científica, uma actividade de investigação capaz de oferecer e produzir um conhecimento novo a respeito de uma área ou de um fenómeno, tem por objectivo

contribuir com a evolução dos saberes humanos, sendo sistematicamente planeada e executada através de rigorosos critérios de processamento das informações. Logo, os trabalhos de fim de curso, na licenciatura, “devem produzir ciência, ou acompanhar seu modelo de tratamento” (Fonte, 2004, citado por Campos, *et.al.*, 2009, p. 2).

Para a recolha da informação foi elaborado e aplicado um guião de entrevista semi-estruturado, contendo questões objectivas, a um universo de 15 estudantes recém-diplomados do curso de pedagogia do ISCED de Luanda, seleccionados de forma aleatória. Os dados recolhidos foram analisados pela técnica de análise de conteúdo (Bogdan & Biklen, 1994; Bardin, 1997; Vala, 1997).

Apresentação e análise dos dados recolhidos

É consensualmente aceite que a investigação científica tem uma importante contribuição na formação de qualquer profissional de nível superior e não só. Neste trabalho procurou-se compreender a importância da investigação científica nos percursos formativos dos diplomados do curso de pedagogia, no qual foi possível perceber por parte de alguns entrevistados que se referiram sobre a escolha do curso dizendo o seguinte:

[Eu] só tinha os conhecimentos passados, então aqui [no ISCED] inovei os meus conhecimentos (...) (E2)

Escolhi este curso, porque queria aperfeiçoar as habilidades técnico-pedagógicas (E10)

Não foi uma opção prioritária, mas gostei de ter experiência como professor (...) (E11)

Sempre gostei, quando fiz o médio tive um professor que foi um modelo [para mim], fui vendo a forma como ele dava as aulas, o comportamento (...) ganhei gosto e decidi optar por este curso (...) (E12)

Escolhi o curso de Pedagogia para compreender melhor a educação (...) não queria dar aulas no empirismo, mas saber como fazer um plano de aulas (...) (E3).

Escolhi o curso de Pedagogia, porque temos irmãos que são professores e porque eu gosto de trabalhar com crianças (...) (E4)

Escolhi o curso de pedagogia, porque (...) eu gosto de trabalhar com crianças (...) (E4)

Saber que serei capaz de dar o meu contributo em métodos e estratégias de ensino (...) E5.

Escolhi porque gosto de ensinar (...) (E7)

(...) Porque acho que o professor é um autodidacta da matéria (...) (E9)

No que diz respeito à questão relacionada com os tipos de trabalhos realizados ao longo do percurso formativo de quatro anos, grande parte dos entrevistados tiveram uma manifesta dificuldade em responder, o que nos fez avançar duas hipóteses: por um lado, quando os professores orientam aos seus estudantes para realizarem trabalhos de investigação não lhe é dito o tipo de trabalho; por outro lado, conjuga-se a este tipo de mensagem/ensinamento o facto de não se fazer sentir significativamente na aprendizagem dos estudantes. Sendo que somente alguns entrevistados responderam referindo:

Fizemos vários tipos de trabalhos (...) fizemos também defesas na sala de aula, e estes trabalhos não tinham aquele rigor conforme a monografia (...) que foi já muito mais exigente (...) (E3).

Fizemos vários tipos de trabalhos, mas os trabalhos que mais me fascinaram foi a recensão e as fichas de leituras, foram os trabalhos que me marcaram (...) (E4)

Para mim estes trabalhos não deveriam ser dados só no 4.º ano, mas sim no no 1.º, 2.º, 3.º chegar ao 4.º ano, a pessoa está melhor preparado sobre estes tipos de trabalhos (...) (E4)

O currículo do curso permitiu ter intervenções científicas [em fóruns]. Os trabalhos realizados foram como um ensaio, fazia um recorte e ia apresentando em jornadas científicas (...) (E10)

Não sei dizer concretamente o tipo de trabalho, aprendem a fazer trabalhos científicos (E2)

Aprendemos uma variedade de trabalhos (...) em grupo que ajudaram na relação com os outros, (...) beber as ideias dos outros (...) (E11)

Aprendi a fazer trabalhos científicos (...) se não estudasse seria uma ultrapassada (...) com o curso sinto-me mais actualizada (...) (E2)

Aprendi os trabalhos científicos, trabalhos de pesquisa por disciplinas (...). Ajudaram-me a superar os erros que tinha e capacitara-me em métodos de investigação (...) (E5)

Fizemos mais trabalhos de grupo (...) na investigação tivemos apoio de colegas (...) (E6)

Ao longo dos 4 anos realizamos muitos trabalhos de pesquisa, mas com maior realce no TFC (...) (E13)

(...) Artigos científicos, monografias (...) (E7)

(...) Artigos científicos e monografias de fim de curso (...) (E9)

Tendo em conta as dificuldades na realização dos TFC, apenas alguns entrevistados manifestaram que tiveram poucas dificuldades. A maioria que referiu que teve dificuldades, refere concretamente, a aquisição da bibliografia e a elaboração do tema, mas que foi possível ultrapassar graças à ajuda de alguns docentes, como podemos constatar nos discursos seguintes:

Se eu dissesse que foi fácil, estaria a mentir (...) pensamos em vários temas, mas não sabíamos como elaborar (...) porque um tema para o trabalho científico tem regras e estas

regras nós não conhecíamos (...) foi difícil, mas com ajuda de alguns professores tornou-se possível (...) (E3)

Tive muitas dificuldades com a realização do TFC (...) para começar na escolha do tema (...) principalmente no capítulo da metodologia (...) (E3)

Foi difícil, mas com a ajuda de alguns professores do orientador tornou-se um pouco fácil (...) (E4)

(...) O maior problema chega a ser a bibliografia necessária ao tema (...) e a morosidade por parte de alguns orientadores em revisar os trabalhos (...) (E5)

O facto de trabalharmos na nossa área, não tivemos muitas dificuldades na escolha e realização dos trabalhos de fim de curso, mas sim na aquisição dos conteúdos (...) (E1)

Dificuldades na elaboração do TFC (...) [na aquisição] de livros (...) (E2)

Tive muitas dificuldades em adquirir bibliografia (...) (E11)

Questões económicas, a distância e bibliografia (...) (E12)

Em Angola é muito difícil adquirir documentos do executivo (...), mas com persistência conseguimos (...) (E10)

(...) Quando fosse falar com os directores e os próprios alunos, fechavam-se muito. Precisava ganhar confiança, indo vários dias e só assim é que eles se abriam (...) (E13)

O orientador ajudou, porque tínhamos sempre dificuldades, eles orientavam e nós seguíamos os passos (...) (E2)

Foi difícil pensar no trabalho de fim de curso (...) (E6)

Foi difícil, porque queria abordar um tema e não tinha material [bibliografia] (E8)

Não foi muito difícil porque a cadeira de seminário ajudou, apenas algumas dificuldades relativamente na busca do material e nas entrevistas (...) (E7)

Não foi difícil porque [escolhi] um tema que sempre gostei, mas tive alguma dificuldade na obtenção de informação relativamente as entrevistas, porque os participantes tinham receio de passar a informação (...) (E9)

No que diz respeito à opinião sobre as disciplinas de metodologia de investigação em educação, as técnicas quantitativas e o seminário (cadeiras do 4.º ano), os entrevistados foram unânimes em dizer que estas disciplinas precisam de ser reforçadas e deixarem de ser meramente teóricas, reforçando a importância conferida à dimensão prática:

(...) Acho que estas disciplinas deveriam ser mais enriquecidas, devido a nossa fraca compreensão (...) (E1)

(...) Estas disciplinas deveriam ser mais sólidas (...) a cadeira de seminário deveria ser mais apertada, porque assim conforme está é muito vaga (E2)

(...) Estas disciplinas são fundamentais para o curso e para a elaboração do TFC, mas elas não atingem as expectativas dos estudantes por serem muito teóricas (...) precisamos de muito mais prática, mais solidez, sobretudo nos conteúdos (E3)

Quando entrei no ISCED tinha uma posição moderada, agora tenho uma posição mais crítica, porque acho que as cadeiras não estão bem organizadas [estas disciplinas] no 2.º e no 3.º anos para o estudante no 4.º ter uma ideia do que quer trabalhar (...) (E10)

Foi muito superficial (...) o professor adoptou mais teoria do que prática. Ainda não consigo entender muito bem quando é que se usa uma pesquisa qualitativa em detrimento da quantitativa (...) (E10)

Ainda há confusão nos estudantes em saber quando é que uma pesquisa é documental, bibliográfica (...), estes ainda são os problemas que se vive no ISCED e o estudante leva para o mestrado (...) (E10)

De uma maneira geral [estas disciplinas] foram mais teóricas do que práticas. Têm que ser mais práticas para que tenhamos bases para a pesquisa (...) (E12)

(...) Espero que venham a ser mais práticas e solidas que permitam fazer o curso sem grandes dificuldades. Estas disciplinas precisam ser mais reforçadas, sobretudo, no seu lado prático (E3)

(...) As cadeiras de metodologia e técnicas quantitativas deveriam começar no 2.º ou no 1.º ano (...) são muito importantes para o curso e só aparecem no 4.º ano (...) tinham que ser dadas muito antes do 4.º ano (...) (E4)

Estas cadeiras por serem importantes, ajudariam na elaboração do TFC, só que elas são muito teóricas (...) quando deveriam ser mais práticas e os estudantes não percebem quase nada (E4)

(...) Gostaria que fossem mais a fundo para que os estudantes aprendessem mais sobre estas disciplinas (...) (E4)

(...) Estas disciplinas têm ajudado os estudantes em trabalhos de investigação científica, mas acho que se deve aprofundar e actualizar mais os conteúdos curriculares (E5)

(...) [Esta disciplina] deveria ser mais prática do que teórico (E6)

São disciplinas muito ligada ao TFC, se fossemos praticando ao longo do curso, seria mais fácil pensar (...) (E13)

Foram disciplinas de destaque, ajudaram bastante na escolha e realização do TFC (...) precisam de ser actualizadas (...) (E7)

Foram disciplinas chave e crucias, principalmente a metodologia e seminário, ajudaram na elaboração TFC (E8)

[Estas] disciplinas [me] capacitaram para fazer uma boa investigação científica (E9)

Quanto à importância da elaboração do TFC, um dos estudantes entrevistados referiu que foi o momento em que se sentiu investigador, na medida em que elaborou os instrumentos e foi ao campo de pesquisa aplica-los e recolher dados que requerem determinado tipo de tratamento. Este exercício quando bem feito e orientado cria no estudante motivação e entusiasmo para continuar, porque é um momento onde ele mostra a sua capacidade de criatividade e imaginação. Recorremos aos seus discursos que demonstram essa ideia:

Foi muito importante, porque tive a sensação que sou investigador (...) fui fazer trabalho de campo, tive aquela preocupação de ler livros, conteúdos adequados (E3)

(...) Se compararmos com o antes de fazer o TFC e agora depois de fazer, posso dizer que já não sou o mesmo (E3)

Até certo ponto (...) ajudamos os outros colegas que têm dificuldades e conseguimos nos posicionar mesmo como um tutor, fruto do que aprendemos (E3)

Foi importante a realização do TFC, porque era um sonho (...) nunca pensei que um dia iria terminar, mas consegui e foi muito importante para a família e para mim (E2)

Foi importante a realização do TFC, porque aprendi, adquiro mais competência, sei como fazer para estruturar um trabalho (...) (E4)

Ajudou-me bastante, pois deu-me bases necessárias para estruturar um trabalho científico (...) (E5)

A elaboração do TFC foi importante, mas gostaria de aprender ainda mais, apesar de ter uma ideia (...) (E11)

As competências que consideram ter adquirido com a elaboração do TFC (nomeadamente o facto de estar mais à vontade para realizar um projecto de investigação para o mestrado), foi um aspecto referido por alguns estudantes entrevistados. Particularmente, enaltecem que se ganha muita competência com a elaboração do TFC, tendo em conta o grau de responsabilidade que lhes é exigido:

Com a elaboração do TFC a muito mais responsabilidade do que com os trabalhos que se dão ao longo do curso, há muita competência que se ganha (...) ao longo do curso é só pega dai ...pega dai, mas com o TFC começa-se a perceber que as coisas não são bem assim (...) (E3)

(...) Adquiro competência (...) estou mais a vontade mesmo no meio dos colegas, porque na minha escola tenho colegas já formados e eu me sentia perdida, mas hoje já consigo interagir com os colegas (E2)

(...) Antes sentia-me como se fosse uma caixa vazia, hoje com o curso sinto que adquiri alguma competência (...) (E1)

Com a realização do TFC adquiro mais competência (...) estou mais competente (...) (E4)

(...) Sinto-me preparado para elaborar trabalhos científicos na minha área de formação (...) ao nível do mestrado (E5)

(...) Adquiro competência, porque o orientador é uma pessoa exigente (...) (E7)

Adquiro competência e estou preparado para elaborar um projecto (...) (E8)

Sim, adquiro competência estou preparado para fazer um projecto de mestrado (...) (E9)

Alguns professores nos davam orientações para a pesquisa (...), ajudou-nos a elaborar um projecto de mestrado que submetemos a uma universidade brasileira e foi aprovado (E10)

(...) Ajudou-me bastante e melhorou a minha actuação na sala de aula. A medida que fui avançando adquiro conhecimento e competência (...) (E13)

Quanto à questões que se prende com o facto de o diploma ser uma ferramenta que permite a estabilidade na profissão e o acesso a melhores salários, bem como proporcionar uma melhoria na auto-estima pessoal, melhores oportunidades de trabalho e o acesso a concursos públicos, foi referido que o diploma não é mais importante que a competência:

(...) Há quem vê o diploma para ter mais salários e não pode ser assim (...) o diploma é mais para a auto-estima e um mundo para quem acaba de se formar (E4)

O diploma é importante para se ter salários altos, mas temos que ter também conhecimentos (...) dá-nos auto-estima e é uma porta que se abre quando temos competência (E2)

O diploma é um pré-requisito para se conseguir entrar no mercado de trabalho, porque é o único que certifica que o estudante fez a formação (E8)

(...) O diploma [consegue-se] com sacrifício, entrega e vontade em adquirir conhecimentos para prestar um serviço com qualidade necessária (E5)

O diploma é fruto de competências que adquirimos ao longo dos anos de formação, cabe ao diplomado demonstra-lo no seu dia-a-dia laboral e social (E5)

(...) é a renovação intelectual de um ser humano que foi dotado de competências, atitudes a demonstrar em prol da sociedade em que esta inserido (E5)

Na minha opinião seria, mas a realidade diz que não (...) a competência é mais importante o diploma apenas certifica (E9)

Na questão que procura saber a importância da formação superior para a vida dos diplomados, foi referido que a formação superior é importante para o acesso ao mercado de trabalho, porque o mundo do emprego hoje é muito mais exigente e nenhum país se desenvolve sem apostar na formação do seu capital humano:

A formação superior na minha vida foi muito importante (...) foi um catapultar da minha vida (...) sai de uma área para outra melhor ainda (...) agora estou numa área pedagógica (...) a licenciatura me deu muitos e bons conhecimentos (...) (E4)

Hoje consigo lidar bem com os meus alunos através daquilo que eu aprendi no ISCED (...) (E2)

A formação superior aumenta os conhecimentos sobre a educação, fornece técnicas e metodologias para actuar no mercado de trabalho (...) (E9)

Toda a formação superior é importante na vida de um indivíduo (...) (E6)

É importante porque além de desenvolver as minhas capacidades intelectuais, abre portas para novas oportunidades (...) (E8)

A formação superior é importante, porque o mercado de trabalho exige mais (...) (E7)

Nem todos os professores do ISCED são bons professores. Podem ser bons, mas não dão bem as suas aulas, têm dificuldades (E6)

Dizem que o comportamento de alguns professores do ISCED tem de se mudar, há professores que vêem com espírito de vingança, as vezes o estudante faz a sua parte e o professor acha que tem o rei na barriga (...) (E4)

É uma porta que se abre para muitas actividades (...) depois de termos a formação a porta é larga, podemos continuar para a docência ou para a pesquisa que em Angola é um campo muito vasto (...) a graduação é uma porta que se abre para muitos privilégios que a ciência nos dá (...) (E10)

É muito importante para a vida, muda o homem na forma de interpretar o mundo (...) baixa o índice de natalidade (...) a pessoa transforma a sua mente, participa no desenvolvimento e crescimento do país (...) (E12)

Penso que é importante (...), abre-nos a mente e dá-nos uma visão mais holística da vida para pudermos conseguir perceber alguns fenómenos sociais (...) (E11)

A formação superior nos torna uma outra pessoa (...) dá-nos competência para actuarmos melhor na nossa área (...) (E13)

Discussão dos resultados

Nesta pesquisa preliminar, analisámos os dados empíricos recolhidos junto dos estudantes diplomados no curso de Pedagogia do ISCED de Luanda, que recolhemos através de entrevistas.

A realização das entrevistas aos estudantes diplomados permitiu compreender, de um modo geral, os objectivos e interesses na escolha do curso, a forma como percebem a formação que receberam, algumas disciplinas frequentadas e as dificuldades na realização dos TFC. Nos excertos das entrevistas aqui apresentadas verificámos que as opiniões convergem quanto aos interesses na escolha do curso, indo no sentido da importância de se adquirir mais qualificações: *[Eu] só tinha os conhecimentos passados, então aqui [no ISCED] inovei os meus conhecimentos (...)* (E2); *Escolhi o curso de Pedagogia para compreender melhor a educação (...) não queria dar aulas no empirismo, mas saber como fazer um plano de aulas (...)* (E3). Neste sentido, os diplomados atribuem sentido a uma escolarização prolongada, pois têm interesse na construção de novas ideias e conhecimentos (Campos, *et al.*, 2009), para além de lhes conferir vantagem no mercado de trabalho.

Retomando ainda os discursos dos diplomados verificamos também que grande parte dos entrevistados tiveram uma manifesta dificuldade em responder sobre os tipos de trabalhos que realizaram ao longo da formação: *Fizemos vários tipos de trabalhos (...) fizemos também defesas na sala de aula, e estes trabalhos não tinham aquele rigor conforme a monografia (...)* (E3); *Fizemos vários tipos de trabalhos, mas os trabalhos que mais me fascinaram foi a recensão e as fichas de leituras (...)* (E4); *Aprendi a fazer trabalhos científicos (...)* (E2); *Aprendi os trabalhos científicos, trabalhos de pesquisa por disciplinas (...)* (E5); *Aprendi uma variedade de trabalhos (...) em grupo que ajudaram na relação com os outros (...) beber as ideias dos outros (...)* (E11). Apenas um estudante falou de alguns tipos de trabalhos (recensão e fichas de leitura) que aprendeu, somente no 4.º ano, e que lhe marcaram muito como estudante. Neste contexto, o ensino superior como um instrumento para a aquisição de competências,

deve transmitir conhecimentos e criar capacidades intelectuais nos estudantes (Bruner, 1960; Oliveira, 2009).

Analisando agora as dificuldades na realização dos TFC, a maioria referiu que teve dificuldades, concretamente, na aquisição da bibliografia e na elaboração do tema, devido ao desconhecimento das regras com que se opera nos trabalhos científicos: *Se eu dissesse que foi fácil, estaria a mentir (...) pensamos em vários temas, mas não sabíamos como elaborar (...)* (E3); *Tive muitas dificuldades com a realização do TFC (...) para começar na escolha do tema (...) principalmente no capítulo da metodologia* E3; *Foi difícil, mas com a ajuda de alguns professores (...)* (E4); *(...) O maior problema chega a ser a bibliografia necessária ao tema (...) e a morosidade por parte de alguns orientadores em revisar os trabalhos (...)* (E5); *Tive muitas dificuldades em adquirir bibliografia (...)* (E11); *Questões económicas, a distância e bibliografia (...)* (E12); *Em Angola é muito difícil adquirir documentos do executivo (...), mas com persistência conseguimos (...)* (E10). Nesta medida, a elaboração de uma pesquisa científica é de extrema importância na formação profissional de qualquer estudante, e é um critério de qualidade na formação do diplomado na área das ciências da educação e não só.

A análise dos discursos sobre as disciplinas de metodologia de investigação em educação, de técnicas quantitativas e de seminário (cadeiras do 4.º ano), permitiu observar que os entrevistados foram unânimes em dizer que estas disciplinas precisam de ser mais reforçadas: *(...) Acho que estas disciplinas deveriam ser mais enriquecidas (...)* (E1); *(...) Estas disciplinas deveriam ser mais sólidas (...) a cadeira de seminário deveria ser mais apertada, está é muito vaga* (E2); *(...) Estas disciplinas são fundamentais para o curso e para a elaboração do TFC, mas elas não atingem as expectativas dos estudantes por serem muito teóricas (...) precisamos de muito mais prática, mais solidez, sobretudo nos conteúdos* E3; *elas são muito teóricas (...) e os estudantes não percebem quase nada* (E4); *Foi muito superficial (...) o professor adoptou mais teoria do que prática. Ainda não consigo entender muito bem quando é que se usa uma pesquisa qualitativa em detrimento da quantitativa (...)* (E10); *De uma maneira geral [estas disciplinas] foram mais teóricas do que práticas. Têm que ser mais práticas para que tenham bases para a pesquisa (...)* (E12). Um dos aspectos interessante que referem os entrevistados é que o facto das disciplinas de metodologia e técnicas quantitativas se revelarem cruciais para o curso, deveriam ser dadas no 2.º ou

3.º ano do curso e assim ajudariam na compreensão da elaboração dos TFC e em futuros projectos de mestrado.

A análise das opiniões sobre a importância da elaboração do TFC, um dos estudantes entrevistados referiu que foi o momento em que se sentiu investigador, na medida em que elaborou os instrumentos e foi ao campo de investigação aplicar para recolher dados que obedeceram o referido tratamento: *Foi muito importante, porque tive a sensação que sou investigador (...) fui fazer trabalho de campo, tive aquela preocupação de ler livros (...) posso dizer que já não sou o mesmo (...) ajudamos os outros colegas que têm dificuldades e conseguimos, fruto do que aprendemos (E3); Foi importante a realização do TFC, porque era um sonho (...) e foi muito importante para a família e para mim (E2); Foi importante a realização do TFC, porque aprendi e adquiro mais competência, (...) (E4); A elaboração do TFC foi importante, mas gostaria de aprender ainda mais, apesar de ter uma ideia (...) (E11); O currículo do curso me permitiu ter intervenções científicas [em fóruns académicos] (...) (E10)*. Este exercício de realização do TFC quando bem feito e orientada cria no estudante motivação e entusiasmo para continuar, porque é um momento onde ele mostra a sua capacidade de criatividade e imaginação, tendo em conta que este é o primeiro passo para iniciar a grande caminhada do processo de investigação que dá “pernas para andar”, na medida em que só investigando se aprende a investigar (Sabino,1992).

Conclusão

Esta pequena reflexão, ainda em fase de desenvolvimento, permitiu perceber que as opiniões dos diplomados convergem em muitos aspectos, reforçando a ideia de que a aquisição de mais qualificações concorre para estarem capacitados e preparados para a vida em sociedade, na medida em que:

- Atribuem importância ao conhecimento, não só como enriquecimento pessoal, mas como estratégia de acesso ao mercado de trabalho e a bens considerados vantajosos (posições hierárquicas e rendimentos desejados);

- Estes estudantes apresentam uma capacidade reflexiva sobre si mesmos e sobre a qualidade e aplicabilidade dos conhecimentos e dos métodos que lhes foram inculcados ao longo da formação superior;

- Defendem que haja uma melhoria e inovação na forma como são ministradas as aulas das disciplinas consideradas nucleares do curso que concluíram.

Contudo, o incentivo à investigação científica para os estudantes é o caminho que se pretende continuar a ser feito na instituição, mas que ainda precisa de se reflectir sobre si mesma, enquanto entidade formadora de professores, pois só assim poderá criar nos futuros profissionais um espírito de pensamento crítico, cientificamente sustentado, rigoroso e sólido.

Referências Bibliográficas

- BARDIN, L. (1997). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- BOGDAN, R. & BIKLEN, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora.
- BRUNER, J. (1960). *The processo f education*. Cambridge. Harvard University Press.
- CAMPOS, F. G.G.; SANTOS, R. F. & SANTOS, F. C. P. (2009). A importância da pesquisa científica na formação profissional dos alunos de educação física do UNILESTMG. In *Movimentum – Revista Digital de Educação Física*.
- FLORES, M. A. (2007). (Coord.). *Perspectivas e estratégias de formação de docentes do Ensino Superior*. Relatórios de Investigação. Cadernos Cied.
- MAGALHÃES, A. M. (2004). *A identidade no ensino superior. Política, conhecimento e educação numa época de transição*. Lisboa: FCG/FCT.
- MINAYO, M. C. S. (1993). *O desafio do conhecimento*. São Paulo: Hucitec.
- PERRENOUD, PH. (2000). *10 Novas competências para ensinar*. Porto Alegre: Editora Artmed.
- REIMÃO, C. (Coord.) (2001). *A formação pedagógica dos professores no ensino superior*. Lisboa: Edições Colibri.
- RODRIGUES, A. J. (2006). *Metodologia Científica: Completo e essencial para a vida universitária*. São Paulo: Avercamp.
- SABINO, C. (1992). *El proceso de investigacion*. Caracas: Edições Panapo.
- SILVA, E.L. & MENEZES, E.M. (2005). *Metodologia da pesquisa na elaboração de dissertações*. (4.ª ed.). Florianópolis:UFSC.
- VALA, J. (1986). A Análise de Conteúdo. In J. M. Pinto (org.). *Metodologias das Ciências Sociais*. Porto: Edições Afrontamento.